

CRIANÇAS E NOTÍCIAS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E ENQUADRAMENTO DAS PRINCIPAIS INVESTIGAÇÕES DESENVOLVIDAS ENTRE 2000 E 2011

Patrícia Silveira*

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS)

Universidade do Minho

ana_da_silveira@hotmail.com

Resumo: Estudos recentes demonstram que os media fazem parte do quotidiano das crianças desde muito cedo (KOTILAINEN, 2011). Porém, verifica-se que são escassas as pesquisas sobre a relação das gerações mais jovens com a atualidade. E se os media noticiosos são importantes mecanismos reprodutores de informação e construtores de um ambiente simbólico, impõe-se a realização de estudos orientados para o entendimento das crianças sobre este ambiente mediático, tentando perceber, também, de que modo criam referências para se situarem no mundo. Esta apresentação pretende dar a conhecer uma das tarefas desenvolvidas no âmbito de uma tese de doutoramento, em curso, consistindo numa revisão bibliográfica sobre os estudos desenvolvidos na última década, em especial, sobre o envolvimento entre as crianças e as notícias. Desse modo, foi realizada uma pesquisa documental, entre 2000 e 2011, na base de dados *Communication Abstracts*. Para além de uma perspetiva daquilo que tem sido investigado nos últimos anos, detetando os principais aspetos incorporados nestes estudos e eventuais lacunas, é fundamental compreender qual a importância dos meios de comunicação na vida das crianças, tendo em conta o aparecimento de múltiplos formatos mediáticos, e qual a ligação que estabelecem com as notícias difundidas por estes meios. Os resultados mostram que as investigações tendem a enfatizar os efeitos de determinados conteúdos (violência, crime) sobre as crianças, ao invés de partirem dos significados construídos por estes atores sociais, de modo a enfatizar o reconhecimento dos seus direitos de participação, legitimados pela Convenção sobre os Direitos da Criança (1989).

Palavras-Chave: Representações; Crianças; Notícias, Participação.

Abstract: Recent studies show that media are part of children's everyday life from an early age (KOTILAINEN, 2011). However, there is little research about problems of everyday life, such as the relationship between children and current affairs. And if we consider that media are the main drivers of information and constructors of a symbolic environment, there is a need for research about what kind of representations children create around this media environment, and also to understand how they create references to stand in the world. This paper is part of a doctoral thesis, in development, and consists on a survey and analysis of the studies carried out in the last decade, about new generations and media, specially the relationship between children and the news. For this, it was made a documentary research, between 2000 and 2011, on the database *Communication Abstracts*. Apart from a perspective of what has been investigated in the last years, sensing the main aspects incorporated in these studies and possible gaps, it is essential to understand the place and importance of media in children's lives, as well as the connection they establish with the news. The results show that investigations tend to emphasize the effects of certain contents (violence, crime) on children, rather than leave the meanings constructed by these social actors, in order to

* Patrícia Silveira, licenciada em ciências da comunicação pela Universidade do Minho, encontra-se a desenvolver o doutoramento sobre representações na infância e atualidade mediática, na especialidade de educação para os media. Tem como áreas de interesse a literacia mediática/leitura crítica das notícias e a relação crianças-media.

emphasize the recognition of participation rights, legitimated by the Convention on the Rights of the Child (1989).

Keywords: Representations; Children; News; Participation.

Introdução

Estudos recentes concluíram que os meios de comunicação de massas fazem parte do quotidiano das crianças desde muito cedo (KOTILAINEN, 2011), assistindo-se a um aumento da utilização dos novos media digitais, em especial da internet e do telemóvel (TOMÉ & MENEZES, 2011; ENDESTAD *ET AL.*, 2011; THEUNISSEN & THEUNISSEN, 2008; LIVINGSTONE, 2006; SHADE *ET AL.*, 2005). Apesar disso, os meios tradicionais, sobretudo a televisão, continuam a fazer parte das preferências de crianças e jovens, especialmente quando se trata da ocupação dos tempos livres. Este facto parece motivar investigadores e académicos, já que a revisão de literatura sobre o assunto, mostra que continua a existir uma grande parcela de estudos sobre a relação da televisão com as gerações mais jovens (FUENZALIDA, 2008, HERNANDÉZ, 2008; SAMANIEGO *ET AL.*, 2007). Tendencialmente, o objetivo principal é perceber qual o tipo de conteúdos consumidos por estes públicos, assim como o modo como este meio pode servir de canal privilegiado para a transmissão de importantes mensagens e valores para a vida dos jovens (GALERA & PASCUAL, 2005).

Verifica-se, assim, que contrariamente à sociedade literária, em que os adultos dominavam a informação e o conhecimento, caminhamos hoje no sentido de uma sociedade imersa numa cultura mediática e digital, marcada por um fácil acesso às mensagens media (TOMÉ & MENEZES, 2011). Este facto faz com que não só os adultos, como também as novas gerações de crianças e jovens, se tornem mais poderosos face aos próprios meios (*IBIDEM*).

Advoga-se, deste modo, a necessidade de apostar na formação e domínio de novas competências, sobretudo no âmbito digital, perspetivando cidadãos e consumidores autónomos e esclarecidos. Para além disso, as novas potencialidades trazidas pela era digital colocam em causa o modelo unidirecional da comunicação, o que significa que, além de consumidores ativos, os públicos se tornam também produtores, sendo aquela competência alargada para o âmbito de uma produção consciente e participativa, bem como para uma interação social nos meios eletrónicos.

A par deste acesso massificado, é reconhecida a importância das mensagens mediáticas na vida das populações, tornando-se os meios de massas importantes mecanismos reprodutores de informação e formadores da opinião e do conhecimento. Isto porque providenciam um sistema de suporte e uma experiência partilhada essenciais para a manutenção da ordem pública, mantendo rituais essenciais desenhados para auxiliar os indivíduos na sua vida. Ao mesmo tempo, são importantes configuradores de um ambiente simbólico, constituindo-se como elementos de representação da realidade envolvente.

Neste ponto, são vários os estudos que abordam a importância de uma aposta na literacia mediática, pensando nas mensagens do ponto de vista da sua missão ética e formativa. Considera-se que a par de outras instâncias, como a família, a escola e o grupo de pares, também os media são considerados agentes com relevância para a formação cognitiva e emocional das crianças, desempenhando uma especial tarefa no modo como estas constroem significados perante o mundo (GALERA & PASCUAL, 2005).

Para que estas ideias tenham consistência, é necessário que os discursos em torno do lugar da infância na sociedade tenham mais força, e sobretudo que se tenha em conta a possibilidade de as crianças falarem sobre as suas experiências mediáticas, principalmente no que se refere às notícias. A este respeito, apesar de a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) ser um importante marco no reconhecimento da criança como cidadão integrado e pleno de direitos, considera-se que continua a existir fragilidade em torno desta legitimidade, devido à ideia simultânea que subsiste em torno da criança em que, por um lado, é considerada sujeito ativo e estruturador do quotidiano, por outro, continua a conservar-se a imagem de sujeito dependente e objecto familiar (SAMAGAIO, 2004).

Opção e procedimento metodológico

Este trabalho faz parte de uma das tarefas integradas numa tese de doutoramento intitulada *Representações das Crianças sobre a Atualidade: caminhos que se cruzam entre a leitura do mundo e a informação noticiosa*, em desenvolvimento na Universidade do Minho, que pretende estudar o modo como as crianças compreendem e interpretam a realidade envolvente, atentando, também, ao facto de as sociedades contemporâneas atravessarem tempos problemáticos e controversos. Partimos do princípio de que os media noticiosos constroem a realidade social, objetivando significados que se tornam relevantes para a estruturação do quotidiano dos cidadãos.

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreender o que tem sido tendência nos estudos recentes sobre o envolvimento das crianças com as notícias. Quisemos perceber quais as perspetivas adotadas pelos autores, como também aferirmos os principais objetivos e conclusões das investigações.

Metodologicamente, optamos por fazer um levantamento e análise das principais investigações desenvolvidas entre 2000 e 2011, a partir da *Communication Abstracts*, considerada uma das principais bases de dados das Ciências da Comunicação. Através da mesma, é possível aceder aos resumos de um conjunto de trabalhos significativos naquela área. Porém, esperamos alargar o sítio da procura a outras revistas ou bases de dados (*Google scholar*, SCOPUS, *Web of Science*,...), num trabalho posterior.

No final da pesquisa, foram recolhidas e arquivadas no programa *EndNote*, 106 referências bibliográficas. Destas, conseguimos aceder a 71 textos completos, pelo facto de os restantes fazerem parte de revistas científicas não subscritas pela Universidade do Minho

(local onde foi realizada a pesquisa bibliográfica).

Depois de analisadas, as referências foram introduzidas no programa *Excel*, de acordo com a seguinte categorização: título, ano, revista/livro/conferência, área científica, tema, subtema, objetivos, metodologia, constituição da amostra e principais conclusões.

Crianças e notícias: tendências de pesquisa, a partir da communication abstracts

Da análise realizada, podemos concluir que grande parte dos estudos que aborda a relação entre as crianças e as notícias, fá-lo a partir de uma perspectiva de vulnerabilidade ou passividade destas audiências, na medida em que há uma grande preocupação em determinar a influência e impacto de determinado tipo de notícias (violência, catástrofes, desastres naturais) sobre os mais novos (BUIJZEN *ET AL.*, 2007; GALERA & PASCUAL, 2005; SMITH & WILSON, 2002).

Os resultados mostram que existe uma relação direta entre a exposição das crianças às notícias e as suas respostas emocionais, considerando os autores que uma mediação ativa bem sucedida pode reduzir os sentimentos de medo, preocupação, *stress* e ansiedade (BUIJZEN *ET AL.*, 2007). Segundo Galera & Pascual (2005), autores de um dos estudos analisados, as crianças experimentam sentimentos negativos perante imagens sangrentas, recordando-se das mesmas por um longo período de tempo. Para além disso, os autores concluíram que a exposição de crianças a notícias sobre raptos provoca reações de susto e preocupação relativamente à sua própria segurança. Assim, consideram que os pais deverão assumir a responsabilidade na mediação dos conteúdos, conversando com as crianças sobre aquilo que veem, discutindo e contextualizando as mensagens, ao invés de proibirem a sua visualização ou leitura. Este será o ponto de partida que levará à maximização dos benefícios e minimização dos prejuízos, considerando os investigadores que um trabalho conjunto permitirá à criança uma melhor compreensão dos conteúdos (BUIJZEN *ET AL.*, 2007; SMITH & MOYER-GUSÉ, 2006).

Esta tendência nos estudos sobre crianças e notícias não é nova. Segundo McQuail (2003), um dos maiores especialistas no estudo da comunicação de massas, as investigações iniciais neste campo estavam sobretudo preocupadas com os efeitos dos media, especialmente sobre as crianças e jovens, tendo como foco o tipo de danos causados pela exposição aos conteúdos transmitidos.

Também Evelyne Bévort, a quem realizamos uma entrevista exploratória, no âmbito dos trabalhos de tese, considera que ainda há muitos investigadores a trabalhar sob o prisma da teoria dos efeitos. A diretora-adjunta do *Centre de Liaison de l'enseignement et des Médias d'Information* (CLEMI) não concorda com a visão da criança vulnerável, embora admita que esta possa sê-lo, até uma determinada idade. Na sua opinião, é mais realístico trabalhar estas questões, perspetivando os interesses e as necessidades das crianças.

Esta tendência pode resultar, igualmente, do facto de os adultos não estarem, ainda, totalmente preparados para ouvir as crianças, sendo as oportunidades negadas com base em discursos protecionistas. Na opinião de Gerison Landsdown, do *Unicef Innocenti Research Centre*, apesar da legitimação das crianças como autoras das suas próprias vidas, existe, ainda, em alguns países, um exercício de poder excessivo dos adultos para com elas. Segundo a autora, permitir que as crianças participem nos assuntos que lhes dizem diretamente respeito – e isto inclui falarem sobre as suas experiências mediáticas - pode, na opinião de muitos, colocá-las em situação de risco.

Manuel Pinto (2000), professor da Universidade do Minho, refere que, no que toca à relação entre as crianças e a televisão, os estudos que se preocupam em estudar o que a TV faz às crianças são mais numerosos do que os que se propuseram analisar o que as crianças fazem com a TV, devendo esta questão ser analisada a partir de dois ângulos. Para o especialista em educação para os media, é necessário que as investigações sobre audiências integrem as variáveis contextuais nos seus estudos, não isolando a prática de receção à mera relação entre emissor e recetor, mas pensando esta análise perspectivada num quadro alargado de práticas sociais quotidianas (PINTO, 2000).

Uma segunda abordagem no estudo das audiências toma-as como “um conjunto mais ou menos motivado de consumidores dos media, encarregues da sua própria experiência mediática, mais do que como vítimas passivas” (MCQUAIL, 2003, p.371). Apesar de a tendência das investigações apontar para a abordagem centrada nos efeitos dos conteúdos, fazemos referência a dois estudos que partem da voz das crianças e jovens, perspectivando-os como audiências ativas e participativas. Estas pesquisas inserem-se, assim, numa abordagem comportamentalista, na medida em que se considera que as crianças conseguem decidir se gostam ou não de determinados conteúdos (SILVA, 2008), existindo um conjunto de fatores de que dependem os efeitos das notícias. A idade, o sexo, o desenvolvimento cognitivo, as experiências de vida e a vulnerabilidade, são alguns deles.

Da autoria de Smith & Wilson (2002), o estudo *Children's Comprehension of and Fear Reactions to Television News*, pretendeu avaliar as reações e a compreensão das crianças face às notícias televisivas. De acordo com os resultados obtidos, verifica-se que, no processamento das notícias, as respostas das crianças diferem conforme a idade, devido às competências necessárias para avaliar os conteúdos. Depois de ouvir as crianças que fizeram parte da amostra, com idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, os autores concluíram que há interesse pelas notícias, estando estas integradas no quotidiano destas audiências. Porém, segundo Smith & Wilson, é necessário considerar e articular as competências dos indivíduos, com o tipo de avaliação e compreensão que fazem dos conteúdos. Os autores falam em:

- Capacidade para decifrar verbalmente a informação: como as crianças mais pequenas não dominam a linguagem, terão maior dificuldade em entender as terminologias usadas nas notícias. Por sua vez, as crianças mais velhas entendem melhor não só o conteúdo, como a relevância social das notícias. Isto

leva a que discutam com as famílias sobre as mesmas, considerando os autores que o consumo das notícias conduz à vontade e necessidade de falar sobre as mensagens.

- Habilidade para distinguir fantasia de realidade: este facto faz com que as crianças mais velhas se sintam mais aborrecidas ou preocupadas perante certas mensagens, sobretudo no que toca a notícias sobre a vida real. Isto acontece devido à consciência de que os conteúdos veiculados correspondem à realidade.
- Processamento perceptual e processamento concetual: o primeiro é característico das crianças mais novas, correspondente a um tipo de perceção em relação à forma (sentem-se atraídas pela cor ou pelo movimento). As crianças mais velhas fazem um processamento concetual, associando os conteúdos a conceitos. Este processamento pode servir como explicação para a maior atração das crianças mais pequenas para notícias com a presença de elementos visuais (desastres, incêndios), enquanto há um maior entendimento das notícias por parte das crianças mais velhas, visto que existe também um maior domínio dos conceitos, não necessitando de imagens para perceber ou sentirem-se atraídas pelas notícias.

Apesar de existir preocupação em *dar voz* às crianças, considerando-as o sujeito central da investigação, ao invés dos media, o estudo poderia ser alargado para outro tipo de conteúdos noticiosos, já que se centra sobretudo naqueles que poderão causar medo nas crianças. Por outro lado, estudos demonstram que rapazes e raparigas tendem a posicionar-se diferentemente perante certos conteúdos, pelo que seria interessante alargar este trabalho, tendo em conta essa variável.

Por sua vez, o livro *The Making of Citizens*, da autoria de David Buckingham (2000), teve como preocupação central repensar o modo como o entendimento da política é feito nas sociedades atuais, assim como perceber a ligação entre os jovens e as perceções que criam em torno de si mesmos enquanto cidadãos. Para o autor, os meios de comunicação detêm um papel fundamental na sociedade, enquanto veículos de informação de que os cidadãos dependem, constituindo-se como uma passagem para a esfera pública e o debate político. Os resultados deste estudo demonstram que há um declínio no relacionamento que as novas gerações estabelecem com as notícias. O autor ressalta o aparente desinteresse e alienação pelas mesmas, principalmente quando estas retratam questões políticas, ao mesmo tempo que considera que existe falta de entusiasmo em falar sobre o assunto. Para Buckingham, os jovens assistem às notícias, mas isso não significa que gostem de o fazer, tratando-se de uma forma de ocuparem os tempos livres, ou então como resultado da insistência dos pais. Globalmente, as notícias são consideradas repetitivas e desinteressantes, embora para alguns destes jovens, assistir às mesmas seja sinal de maturidade e prova do desejo de sabedoria. Segundo o estudo, esta posição mostrou-se mais visível nos alunos mais velhos, contudo, nem sempre de forma explícita. E enquanto os rapazes demonstravam maior interesse pelos assuntos sobre política, as raparigas

preocupavam-se sobretudo com os temas ambientais e climáticos. Para estes jovens, as notícias são conotadas como algo que possui credibilidade e, por isso, confiam nas mesmas para obter informação sobre o mundo. Embora o autor considere, no caso das notícias televisivas, que estas criam a ilusão de se estar informado, reconhece que conduzem a um sentimento de pertença e de estabilidade, podendo não se constituir como garantia de uma cidadania ativa, mas antes como um substituto da mesma

Na conclusão a que chega, Buckingham (2000) diz que a ideia comum de que as crianças são cínicas e apáticas face às notícias, pode ser um sintoma demonstrativo da necessidade de existir mais inovação nos conteúdos, de forma a captar o interesse dos mais novos. No que concerne à televisão e aos conteúdos que produz, o autor considera que é importante olhar para o modo como os produtores posicionam os seus públicos, havendo necessidade, no que aos mais novos diz respeito, de os tomar como cidadãos e potenciais participantes da esfera pública. Deve, assim, ser dada mais atenção ao modo como as notícias são compreendidas, tendo em conta os interesses, as experiências e as capacidades cognitivas dos jovens.

Problematização dos resultados e notas finais

De modo geral, podemos concluir que, no que toca à relação entre as crianças e as notícias, não existe ainda pesquisa consolidada que perspetive este envolvimento partindo do ponto de vista destes destinatários. A maioria dos trabalhos publicados nos anos analisados, teve como preocupação compreender os danos causados pela exposição aos conteúdos noticiosos, trabalhando, assim, sob o prisma da teoria dos efeitos.

A nosso ver, é necessário que outras linhas de investigação se alarguem para teorias que tenham em conta os interesses das crianças, partindo das suas *vozes*, de modo a privilegiar a visão destes públicos. Consideramos que é necessário que os investigadores criem oportunidades para uma participação crítica e reflexiva sobre os media. As crianças devem, assim, informar-se e falar sobre as suas experiências mediáticas. Privilegiar este direito, dando-lhes espaço para discutirem os conteúdos, mais do que reconhecer as suas perceções, interesses e o estatuto social como cidadãos, é tornar real a oportunidade de fazerem parte da esfera pública e do debate político.

Ao mesmo tempo, envolver e despertar as crianças para os assuntos da atualidade, constitui-se como um importante passo para a consciencialização e incentivo à reflexão crítica sobre os media e o seu papel na sociedade. Não se trata de ser cético ou cínico, como defende Evelyne Bévort (CLEMI). O propósito é ter interesse e curiosidade e, ao mesmo tempo, possuir uma autonomia reflexiva perante aquilo que é apresentado. Estes aspetos são centrais na formação de cidadãos intervenientes e interessados.

Porém, não se trata de desconsiderar as abordagens tendencialmente adotadas nos estudos referenciados, devendo existir um esforço de equilíbrio que analise os fenómenos

através de várias possibilidades.

Para concluir, estamos em condições de referir que são poucos os estudos direcionados para problemáticas do quotidiano, como o envolvimento das novas gerações com as questões da atualidade. Existem várias investigações sobre o significado associado às notícias, porém, os conteúdos noticiosos abordados são limitados à violência, crimes ou desastres naturais. Neste contexto, ressurge a necessidade de se apostar em trabalhos que optem por novas linhas de investigação que promovam os direitos das crianças, considerando as suas opiniões, a sua compreensão e construção de significados em torno de questões que não dizem respeito apenas aos adultos. E numa altura em que nos vemos confrontados com tempos problemáticos e controversos, havendo um maior acesso e domínio sobre a informação, assim como uma necessidade de desenvolvimento de novas competências informacionais e comunicacionais, parece-nos que o despertar para estas questões encontra agora a altura ideal para confluir num trabalho a este nível.

Referências Bibliográficas

- BUCKINGHAM, D. *The making of citizens*. London: Routledge, 2000.
- BUIJZEN, M.; MOLEN, J.& SONDEJI, P. Parental mediation of children's emotional responses to a violent news event. In: *Communication Research*, no.2, 2007. pp. 212-230.
- CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.
- ENDESTAD, T.; HEIM, J; KAARE, B.; TORGERSEN, L.& BAE Brandtzæg, P. Media user types among young children and social displacement. In: *Nordicom Review*, no.1, 2011.pp.17-30.
- FUENZALIDA, V. Cambios en la relación de los niños con la television. In: *Comunicar*, no. 30, 2008.pp.49-54.
- GALERA, G. & PASCUAL, M. La television como agente socializador ente el 11-M: percepciones y reacciones de la infancia frente a los atentados terroristas. In: *Zer, revista de Estudios de Comunicación*, no.19, 2005. pp.173-189.
- HERNANDÉZ, J. Información en TV, los jóvenes también contamos. In: *Comunicar*, no.31, 2008.pp. 367-369.
- KOITILAINEN, S. (ed.) *Children`s media barometer 2010: the use of media among 0-8-year-olds in Finland*. Helsinki: Finnish Society on Media Education, 2011.
- LANSDOWN, G. *Promoting children`s participation in democratic decision- making*, Florence: UNICEF - INNOCENTI RESEARCH CENTRE, 2001.
- LIVINGSTONE, S. Drawing conclusions from new media research: reflections and puzzles regarding children`s experience of the internet. In: *The Information Society*, no.4, 2006.pp.219-230.
- MARÔPO, L. *A mediação na construção de uma identidade de direitos da infância: representações jornalísticas de crianças e adolescentes em Portugal e no Brasil*. Lisboa. Tese (doutoramento) Ciências da Comunicação, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- MCQUAIL, D. *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- PINTO, M. *A televisão no quotidiano das crianças*, Porto: Edições Afrontamento, 2000.
- SAMAGAIO, F. Os (novos) problemas sociais da infância: uma aproximação sociológica, In: Vº

Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção 2004. pp.9-17.

SAMANIEGO, C.; PALACIOS, S.; BARANDIARAN, A. Los hábitos y preferencias televisivas en jóvenes y adolescentes: un estudio realizado en el país Vasco, In: Revista Latina de Comunicación Social, no. 62, 2007.

SHADE, L.; PORTER, N. & SANCHEZ, W. "You can see anything on the internet, you can do anything on the internet!": young Canadians talk about the internet, In: Canadian Journal of Communication, no.4, 2005. pp.503-526.

SILVA, M. Criança, escola e TV: parcerias na leitura do mundo, In: Comunicar, no.31, 2008. pp. 325-330.

SMITH, S. & MOYER-GUSÉ, E. Children and the war on Iraq: developmental differences in fear responses to television news coverage, In: Media Psychology, no.3, 2006. pp.213-237.

SMITH, S. & WILSON, B. Children's comprehension of and fear reactions to television news, In: Media Psychology, no.1, 2002. pp.1-26.

THEUNISSEN, P.; THEUNISSEN, CA. New zealand-based students' perceptions and use of the internet as a communication tool and source of information. In: Communication Journal of New Zealand, no.1, 2008

TOMÉ, V. & MENEZES, I. (org.) Educação e media: da teoria ao terreno. Castelo Branco: RVJ Editores, 2011.